

"DÊEM AO BRASIL *Dívida externa* UMA SEGUNDA CHANCE"

JORNAL DA TARDE

Este é o apelo do jornal *The New York Times* aos credores do Brasil, mas lembrando: o País precisa de austeridade. 30 JUN 1987

O jornal *The New York Times* está pedindo aos credores: "Dêem ao Brasil uma segunda chance". Foi este o título do seu editorial de ontem, transcrito aqui, na íntegra.

"Atordoado por uma inflação de quatro dígitos e por uma violenta queda em suas reservas de divisas estrangeiras, o Brasil concordou em apertar o cinto. Esta é uma boa notícia. Depois do fracasso da política econômica que prometia um pouco para todo mundo, o Brasil precisa, mesmo, de uma dose de austeridade. A tarefa de seus credores é a de persuadir o governo do Brasil a se manter no caminho da reforma, mas não fazendo uma pressão tão forte que possam solapar a frágil democracia do País.

"Há dois anos, o Brasil coxeava sob o peso de uma inflação de 400% ao ano e de uma dívida externa de US\$ 100 bilhões. Economistas ortodoxos defendiam soluções ortodoxas: um orçamento equilibrado e

menos dinheiro em circulação. Mas os tecnocratas brasileiros, treinados nos Estados Unidos, insistiam que as estatísticas escondiam forças profundas da economia brasileira. Diziam que não havia necessidade de sacrificar o crescimento para administrar a dívida externa, ou a inflação. O remédio era um tratamento de choque para quebrar a espiral inflacionária.

"O plano, adotado por eles em fevereiro de 1986, congelou temporariamente preços e salários, e deu um novo nome à moeda. Por um curto período de tempo, o Plano Cruzado pareceu funcionar. A inflação desapareceu e a economia cresceu muito. Mas, na verdade, o plano estava condenado ao fracasso desde seu início, pela decisão do presidente Sarney de agradar os eleitores de renda média dando-lhes um grande aumento de salário um pouco antes da im-

posição do congelamento de preços.

"A consequência foi um poder aquisitivo muito grande e uma produção industrial muito pequena, e os industriais acabaram vendendo no mercado interno o que tinham planejado vender no mercado externo. A demanda excessiva também criou mercados negros, solapando o congelamento de preços. Em fevereiro, o governo foi forçado a abandonar o plano e a suspender os pagamentos de juros de uma parte de sua dívida externa.

"Luiz Bresser Pereira, o novo ministro da Fazenda, está tentando uma solução convencional. Preços e salários foram outra vez congelados. Mas desta vez também o gasto está sendo cortado. O preço de serviços públicos foi aumentado, e a moeda, desvalorizada. A questão agora é saber se este governo, enfraquecido, terá capacidade de implementar as reformas que exigem sacrifício real da população.

"O sr. Bresser Pereira reconhece que um acordo com o Fundo Monetário Internacional é um pré-requisito para a renegociação dos pagamentos da dívida externa e para restaurar o acesso do Brasil a capitais externos de que precisa desesperadamente. Os credores do Brasil podem servir a seus próprios interesses dando ao governo o máximo de espaço político para manobras. O FMI pode, por exemplo, delegar a fiscalização do plano

de austeridade a outra agência — uma que o brasileiro médio não considere uma rendição aos poderes estrangeiros.

"O Brasil dispõe de recursos e do espírito para se tornar uma potência econômica mundial. Não está claro, porém, se este governo pode impor a disciplina necessária para alcançar esse potencial. Os credores devem dar ao Brasil toda a oportunidade para que ele demonstre sua maturidade política."